

“DEUS QUERIDO, MAIS UMA CALAMIDADE!”: POESIA E O SONHO DE UMA
UCRÂNIA LIVRE

*“DEAR GOD, CALAMITY AGAIN!”: POETRY AND THE DREAM OF A FREE
UKRAINE*

Luciano Ramos Mendes¹

RESUMO: Este trabalho se propõe a discorrer brevemente sobre parte da produção poética ucraniana, partindo de seu fundador Taras Chevtchenko, mas com enfoque sobre os poetas contemporâneos (no contexto do Euromaidan e da guerra atualmente em curso no leste do país). O olhar aqui recai não só sobre as lutas pela independência, mas também sobre o modo de se pensar a relação entre um estado e uma nação ucranianos.

Palavras-chave: Ucrânia; poesia contemporânea; Euromaidan.

ABSTRACT: This paper proposes a brief discussion of a small part of Ukraine’s poetry, departing from its founding father Taras Chevtchenko, but taking a closer look at contemporary poets (in the context of Euromaidan protests and of the war going on at the easternmost regions of the country nowadays). The aim is not as much to delve into the fighting, but on the ways of thinking in and about the Ukrainian state and nation.

Keywords: Ukraine; contemporary poetry; Euromaidan.

Мій боже милий, знову лихо!
Було так любо, було тихо;
Ми заходились розкувать
Своїм невольникам кайдани.
Аж гульк! Ізнову потекла
Мужицька кров! Кати вінчанні,
Мов пси голодні за маслак,
Гризуться знову.

Meu Deus querido, outra calamidade!
Estava tão bom, tanta tranquilidade;
Quando começávamos a nos soltar
dos grilhões que usavam nos amarrar.
Mas então!... Uma vez mais correu o sangue
dos pobres mujiques! A velha gangue
de velhacos, cachorros esfaimados
outra vez engalfinhados!

(CHEVTCHENKO, 2010, p. 574)²

¹ Mestrando do programa de pós-graduação em literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.

Esse poema foi escrito por Taras Chevtchenko — escritor e pintor considerado pai da moderna literatura ucraniana — há mais de 150 anos. Poderia, no entanto, ser facilmente aplicado à atual situação do país. Desde novembro de 2013, os acontecimentos da distante e até então esquecida Ucrânia têm aparecido nos jornais mundo afora: os protestos de Euromaidan, franco-atiradores, a deposição do corrupto presidente Viktor Ianukovitch, a anexação da Criméia pela Rússia e a atual guerra que ocorre no leste do país, ao que tudo indica fomentada pelo governo russo de Vladimir Putin. Mesmo recebendo menos atenção da mídia ocidental do que já recebeu antes, o assunto ainda rende — e a guerra continua.

A Ucrânia sempre foi um terreno fértil para sonhos e utopias. País de história antiga, relacionado com os primeiros reinos búlgaros e eslavos na Europa, passou um longo tempo sonhando com a independência — aproximadamente desde a metade do século XVII, com o surgimento da ideia do Estado Nacional Moderno. Essa independência, no entanto, só foi alcançada em 1991, com o colapso do regime comunista e o fim da União Soviética.

Isso não foi, porém, resultado apenas de movimentos patrióticos e/ou populares ucranianos, mas principalmente de jogos de poder promovidos pelos oligarcas do país. Surgem, a partir daí, duas forças distintas: uma é a da Ucrânia dos oligarcas, ainda com importantes ligações com as classes dominantes da Rússia; enquanto que na outra força está uma classe média liberal que sonha com a transformação da Ucrânia em um país europeu 'comum' (o que, no caso, significa uma adequação aos moldes ocidentais, ou, no mínimo, aos moldes dos países da Europa Oriental que foram aceitos pelo Ocidente, como a Polônia ou a República Tcheca), até mesmo com intenções de entrar para a União Europeia.

Os eventos que se desenrolaram na Ucrânia desde novembro de 2013 podem ser entendidos como um choque entre essas duas forças. É verdade que mesmo os

² A não ser que seja especificado de outra forma, todas as traduções são de minha autoria, a partir do original em ucraniano.

inimigos políticos do então presidente Viktor Ianukovitch, como a ex-primeira ministra Iulia Timochenko e o atual presidente Petro Porochenko, podem ser considerados como oligarcas, mas pertencentes a uma oligarquia cujos interesses não estão alinhados com a postura pró-Rússia de Ianukovitch e para a qual a aproximação com o ocidente certamente seria benéfica.

Depois de longas negociações e acordos que permitiriam à Ucrânia dar os primeiros passos no sentido de uma integração com a União Europeia, Viktor Ianukovitch decidiu voltar atrás e preterir tais acordos em nome de um maior entendimento com um bloco econômico liderado pela Rússia e composto de diversas ex-Repúblicas Soviéticas. Isso foi motivo de protestos entre as camadas pró-europeias da sociedade ucraniana, que culminaram em ondas de violência e na derrubada do governo de Ianukovitch, na formação de um governo interino e em novas eleições.

Na sequência começaram os problemas com os separatistas: a Crimeia, península situada ao sul do território ucraniano e habitada majoritariamente por russos étnicos, declara, com o apoio da Rússia, sua independência. Um referendo a respeito da união da Crimeia com a Rússia é aprovado após a invasão do território pelas forças russas, o que faz com que o processo não apenas seja inadequado perante os tribunais internacionais, mas também torna seu resultado questionável mesmo se deixadas as formulações legais de lado. Ao mesmo tempo, nas províncias mais orientais de Donetsk e Luhansk, rebeldes leais ao presidente Ianukovitch, subrepticamente apoiados por Moscou, começam a lutar contra o governo de Kiev.

Os rebeldes alegam que o novo governo ucraniano é uma marionete do ocidente e buscam excluir todos aqueles que não forem etnicamente ucranianos. A presença de partidos nacionalistas de extrema direita na coalização do governo, como o *Svoboda* (“Liberdade”), reforça essa ideia.

O governo de Kiev, por sua vez, afirma que os rebeldes nada mais são do que soldados enviados e/ou treinados pelo regime de Putin, para desestabilizar a

democracia ucraniana e permitir que a Rússia anexe tanto quanto for possível do país³ (KRAVTSOVA, 2014).

É especialmente difícil saber a quem dar crédito. Por um lado, o que está em jogo são os interesses de diferentes setores da oligarquia ucraniana — aqueles cujos negócios são mais comprometidos com o ocidente contra aqueles cujos principais negócios envolvem a Rússia.

Mas resumir os conflitos que vêm acontecendo na Ucrânia a meros interesses oligárquicos é, ao meu ver, uma postura reducionista, é ignorar o que os ucranianos sentem e pensam a respeito, o modo como eles constroem a própria identidade — quiçá um dos principais pontos em jogo.

A Ucrânia pós-soviética encontra-se em um estado persistente de transição e crise de identidade — em “uma encruzilhada pós-moderna e pós-colonial” (HOFLAND, 2013, p. 02). Os escritores desse período buscam estabelecer-se em um contexto europeu ao mesmo tempo em que buscam recuperar-se de seu passado soviético, em que a própria língua e cultura ucranianas recebiam o estigma de serem provinciais e incultas (HOFLAND, 2013).

É notável, nesse processo, a importância da poesia. Yuri Andrukhovitch (2004), poeta e teórico ucraniano, um dos fundadores do movimento poético-performático *Bu-Ba-Bu* (abreviação de *Бурлеск-Балаган-Буфонада*, *Burlesco-Baderna-Bufoneria*), descreve seu país como um território “poetocentrico” por natureza: não só a poesia foi, por muito tempo, um dos poucos meios que a língua ucraniana encontrava para expressar-se, mas também, a partir de Taras Chevtchenko, os poetas ucranianos tinham forte tendência a estar entre os mais ardorosos defensores da liberdade do país. Apesar de tudo isso, aparentemente, ter perdido força com o passar do tempo, em especial, com o advento da independência política do país em 1991, os próprios

³ Apesar das negativas do governo russo, o líder das forças rebeldes publicou alguns vídeos no Youtube, em que se gabava das tropas e equipamento recebidos da Rússia.

acontecimentos do Euromaidan e da guerra em curso sublinharam essa importância. Cito, aqui, a poeta e estudiosa Irina Chuvalova (2014):

Recentemente, entre os tumultos nas ruas de Kiev e revoltas generalizadas pelo país, o governo de Viktor Ianukovitch deu dois passos notáveis no sentido de reconhecer a significância e o peso da poesia ucraniana nos assuntos da nação. O primeiro passo foi prender um jovem poeta junto com dois de seus amigos, sob a alegação de estarem “promovendo tumultos em massa”. O segundo passo foi atirar na cabeça do Secretário da União Nacional dos Escritores: felizmente com uma bala de borracha. À luz desses dois acidentes eu não poderia deixar de aquiescer à necessidade de reportar à comunidade global o presente estado dos assuntos literários no país, onde a arte de escrever é, obviamente, tida em tão alta conta pelos oficiais. (CHUVALOVA, 2014, s/p, tradução do autor, destaque no original).⁴

Apesar de Chuvalova não citar o nome do poeta preso, ela muito provavelmente se refere a Serhii Zhadan, nascido em 1974 em Luhantsk, na região oriental da Ucrânia, próxima ao epicentro da atual guerra civil. O poeta é um dos escritores de maior renome tanto dentro do país quanto fora, inclusive na Rússia. Vencedor de diversos prêmios literários, sua escrita versa sobre “as circunstâncias específicas da transição, da vida em uma sociedade entre as relíquias do passado Soviético e a busca por uma nova identidade” (LINDEKUGEL, 2014). Zhadan, bastante ativo nos movimentos tanto da Revolução Laranja⁵ quanto do Euromaidan, vive em uma cidade de maioria russa, mas, ainda assim, bilíngue, onde “uma pessoa pode estar falando

⁴ “In February, among the riots in the streets of Kyiv and general unrest in the country, the regime of Viktor Yanukovitch — then still a President, now a wanted criminal — has done three notable steps in recognition of the significance of Ukrainian poetry in the affairs of the nation. The first step was to arrest a hapless young poet together with his two friends and imprison them under alleged incrimination of “organizing mass riots”. The second step was to shoot the Secretary of the National Writers’ Union in the head: thankfully, with a rubber bullet. Finally, in Kharkiv one of the best known Ukrainian poets had his face beaten into a bloody pulp, because he refused to kneel (literally, not metaphorically) to the government-hired bandits. In light of these accidents I could not help giving in to the urge of briefing the global community on the present state of literary affairs in the country, where the art of writing seems to be given so much weight.” (CHUVALOVA, 2014, s/p, destaque no original).

⁵ A Revolução Laranja consistiu numa série de protestos que aconteceram entre 2004 e 2005, após uma vitória alegadamente fraudulenta de Viktor Ianukovitch nas eleições presidenciais. Os votos acabaram sendo recontados e a vitória foi mesmo para Viktor Iuchtchenko, candidato da oposição.

russo e outra ucraniano, na mesma conversa; ou a língua pode mudar de acordo com o assunto (russo para negociar combustível; ucraniano para comprar cavalos)” (POMERANTSEV, 2014, s/p).

Apesar de sua escolha pela língua ucraniana, Zhadan não vê diferenças entre as regiões ocidental e oriental de seu país, tampouco entre russo-ucranianos e ucranianos, mas sim “problemas em comum, um futuro em comum e uma nação em comum” (LINDEKUGEL, 2014, s/p), defendendo uma sociedade civil ativa por uma Ucrânia unida e mais justa.

Sua literatura elogia a posição fluída da Ucrânia entre ocidente e oriente, a condição fronteira que se encontra no próprio nome do país⁶. Zhadan bebe, ao mesmo tempo, nas fontes dos movimentos de contracultura do ocidente (como a geração Beat) e nas tradições de seu próprio país (incluído aí o anarquismo de Nestor Makhno). Suas personagens são parte do submundo, mas, antes de serem tipos bem definidos, estão em busca de forjar uma nova identidade, recorrendo às ruínas do passado soviético e ao desconhecido futuro para isso. Em um de seus poemas, *A história da cultura na virada do século*, o poeta lança questionamentos sobre o conceito e o papel da assim chamada Europa Central na virada do século XX para o XXI, época em que os estados pós-soviéticos, como a própria Ucrânia, surgiram e começaram a tentar inserir-se dentro de uma Europa que, apesar de todos os discursos em nome da integração continental e da irmandade entre as nações, não necessariamente as entende ou as deseja realmente junto a si:

⁶ A hipótese mais aceita para a etimologia do nome Ucrânia surgiu na virada do século XIX para o XX, presente, entre outros, no dicionário etimológico da língua russa de Max Vasmer (Україна. In VASMER, Max. *Russisches Etymologisches Wörterbuch*, volume 3. Heidelberg: Carl Vinter-Universitäts Verlag, 1958. p. 171). De acordo com essa ideia, o termo é derivado do proto-eslavo *krajь*, cujo significado seria borda, fronteira. De fato, a Ucrânia ocupou os territórios de fronteira de muitos reinos eslavos e os cossacos tradicionalmente foram empregados como defensores dessas fronteiras.

В білих снігах, ніби в серветках, лежить Центральна Європа.
Я завжди вірив лінійній циганській пластичності,
бо не кожному випадає цей затяганий шеляг.
Якби ти подивилася в їхні паспорти,
що пахнуть гірчицею і шафраном,
якби ти почула їхні розбиті акордеони,
що відгонять шкірою і арабськими спеціями —
вони говорять, що коли ти їдеш — куди б ти не їхала —
ти лише віддаляєшся і ніколи не будеш ближче, ніж є;
коли мовкне спів старих грамофонів,
з них витікає мастило,
наче томат із пробитих бляшанок
з-під супу.

Lá está a Europa Central, sob a neve branca como um lenço
Eu sempre acreditei nos movimentos preguiçosos dos ciganos
nem todo mundo herdou essa moeda gasta.
Se você olhar os passaportes deles,
que têm cheiro de mostarda e açafrão,
se você ouvir seus acordeões cansados,
que recendem a couro e especiarias árabes —
você os ouviria dizer que quando se vai embora — não importa pra onde —
você só cria mais distância, e nunca estará mais próximo do que agora;
quando as músicas dos velhos gramofones morrerem,
um resíduo escapa

(ZHADAN, 2015, p.382)

O poema encontra eco num discurso de Yuri Andrukhovitch, proferido em 2006, quando o autor recebeu o prêmio Leipzig de literatura, pouco depois da chamada Revolução Laranja, um breve prelúdio para a crise atual. No discurso o autor (ANDRUKHOVITCH, 2006) contrapõe a breve citação de Ivan Franko (1856-1916), poeta e escritor realista ucraniano, “nós também estamos na Europa” à declaração de Günter Verheugen, político alemão, um dos então Comissários da União Europeia, de que em vinte anos todos os estados europeus seriam parte da União Europeia, exceto os países anteriormente soviéticos e que ainda não fossem, então, parte do grupo. Andrukhovitch discursa sobre as esperanças que a fala excludente de Verheugen destruiu naqueles que, como ele, acreditam nas palavras de Ivan Franko; e em como

essa mesma fala foi apropriada pelos setores da sociedade ucraniana que apoiam a proximidade com a Rússia.

Da mesma geração de Zhadan, e também uma de suas estrelas, está Andrii Bondar, um poeta de Kiev. Sua poesia segue uma via de mão dupla: ao mesmo tempo em que se deixa influenciar pela poesia ocidental, também dá continuidade à tradição da vanguarda ucraniana interrompida pelo regime stalinista. Apesar de ter participado dos protestos e sido vocal em seu apoio aos movimentos de mudança no país, Bondar não se deixa iludir com a ideia de que basta uma europeização da Ucrânia para que os problemas do país sejam resolvidos. Isso fica bastante claro em seu poema *Latynka — O alfabeto latino* — escrito em caracteres latinos, ao invés das letras cirílicas do ucraniano (e do russo):

odyn mij znajomyj vvazhaje
scho z perekhodom na latynku
nash narod stane menshe krasty
tobto kudys odrazu raptom
podinetsia tsia rozkhrystana vizantijschyna
tsia khamska sovietchyna tsia bezbereha fino-uhorschyna
(sorry, uhorci, sorry, finy)
i v holovi schos tilky "klac" — i my evropa.

um conhecido meu acredita
que se adotarmos o alfabeto latino
nosso povo vai roubar menos
e então de uma vez só vão desaparecer
esses nossos caóticos traços bizantinos
esses soviatismos rudes e fino-ugrismos desenraizados
(sorry, húngaros, sorry, finlandeses)
e nossas cabeças vão simplesmente fazer 'click' — e somos europa.

(BONDAR, 2004, p. 8)

Nascido ainda em uma geração antiga, Boris Khersonski é outro poeta ucraniano que vale a pena destacar aqui. O título de “ucraniano” em Khersonski é, porém, mais complexo do que no caso de seus colegas: nascido em Odessa, em uma família judaica de língua russa, o psiquiatra e poeta, que publica desde os anos 1960, percebeu com os

recentes eventos que “enquanto sua língua materna, o grosso de sua herança cultural e a maior parte de sua fama artística vem da Rússia, ele sentiu que era ucraniano de coração” (MCGRANE, 2015, s/p).⁷ Para além do coração, Iriina Slavinska (apud MCGRANE, 2015, s/p), crítica literária ucraniana, diz que “ele (Khersonski) é ucraniano no sentido moderno da palavra. Não depende da língua que se fala. Não é como no passaporte soviético, em que você era ucraniano ou russo ou judeu. A escolha é sua”.⁸

Khersonski tem colaborado com escritores ucranianos para a tradução das obras uns dos outros, em busca de um entendimento mútuo entre russos e ucranianos. Caminhando no mesmo sentido que Zhadan, ele vê os problemas e as dificuldades que a Ucrânia pós-Soviética tem para determinar sua identidade. Diz, inclusive, que

Se a Ucrânia viesse deitar em meu divã, eu diria “você precisa de um longo processo de integração”, talvez eu também dissesse a ela que ela precisa desenvolver melhor seu senso de realidade. E, claro, eu a lembraria de visitar-me duas vezes por semana, durante uma hora. Eu não cobraria muito, pois sei que ela passa por dificuldades financeiras. (apud MCGRANE, 2015, s/p).⁹

É importante lembrar, porém, que essa postura conciliadora não é universal na Ucrânia. Ao mesmo tempo em que temos uma grande quantidade de vozes como Zhadan, Bondar e Khersonski — poderia, ainda, citar-se Halina Krouk, Oksana Zabuzhko e Yuri Andrukhovitch, só para ficar nos mais conhecidos —, existem poetas como a jovem Olena Maksimenko, que decidiu tomar armas e lutar pela Ucrânia. Outros, como Anna Iureva, uma poeta de língua russa de 87 anos, rezam para que a

⁷ “While his mother tongue, the bulk of his cultural heritage and most of his artistic fame have come from Russia, he felt he was Ukrainian at heart.” (MCGRANE, 2015, s/p).

⁸ “He is Ukrainian, in the modern sense. It doesn’t depend on the language you speak. It’s not like in the Soviet passport, where you were Russian or Ukrainian or Jewish. It’s your choice.” (SLAVINSKA apud MCGRANE, 2015, s/p).

⁹ “If Ukraine came to lie on my couch, I would say, ‘You need a long process of integration,’” he said. “I might also tell her she needs to develop a better sense of reality. And of course I will remind her she should visit me twice a week for one hour. I won’t charge her much, because of her financial difficulties.” (KHERSONSKI apud MCGRANE, 2015, s/p).

república de Novorossiiia — nome que os rebeldes dão às regiões separatistas do leste do país — consiga se ver livre do governo Ucraniano. Em um de seus poemas, intitulado *Guerreiros*¹⁰:

*Poroshenko decided to give mines, factories and land to the West and then flee abroad
And they destroyed so many towns thinking they were winning
But now they are wiping away tears and snot
They are wondering where to flee, and how to cover their bloody tracks.*

Poroshenko decidiu dar minas, fábricas e terra para o Ocidente e depois fugir
E eles destruíram tantas cidades enquanto pensavam que venciam
Mas agora eles limpam lágrimas e catarro
Se perguntando para onde fugir, como esconder seu rastro de sangue.

(IUREVA, 2015 apud JUDAH, 2015)

Essa diferença de posturas pode ser vista como a demonstração de que se por um lado o governo de Ianukovitch era extremamente corrupto e a influência russa era e ainda é extremamente pernicioso, o novo governo mostrou-se pouco digno de confiança, cometendo abusos e mantendo as antigas estruturas de poder. Um ano depois da queda de Ianukovitch, muitos dos que inicialmente apoiaram os protestos e a sua derrubada aparentavam desconfiança ou, pelo menos, certa decepção para com o novo governo (KINSTLER, 2015).

Resta ainda por resolver a questão central, a da(s) identidade(s) ucraniana(s). É evidente que o país caminha para um distanciamento cada vez maior da Rússia, e, pelo que se torna possível entrever, o epíteto “Pequena Rússia” pertence ao passado. Pavlo Tchubinski, autor da letra do hino nacional do país, já marcava a identidade ucraniana em oposição ao não-ucraniano, mas de modo coletivo: uma das linhas do hino nacional diz que “*Душу, тіло ми положимъ / За свою свободу / И покажемъ, що ми браття / Козацького роду*” (“*Corpo e alma nós daremos / pela nossa liberdade / E irmanados mostraremos / que somos o povo dos Cossacos*”; TCHUBINSKI, 1862). Esses versos

¹⁰ Tradução feita a partir da versão em inglês, traduzido do russo, aparentemente por Tim Judah. Isso foi feito pela impossibilidade de encontrar o poema no original.

foram cantados repetidamente durante os protestos, assumindo ares de hino revolucionário. Isso deixa entender que a Ucrânia passa por um novo “mundo de sonho” — usado aqui no mesmo sentido em que Susan Buck-Mors (2000, p. x) lê o termo em Benjamin — que seria uma Ucrânia realmente independente e modernizada, finalmente livre da influência russa, abraçando a utopia capitalista e passando, finalmente, para o lado dos que venceram a Guerra Fria. O grande mérito de muitos dos poetas que vivem a atual crise é justamente não se deixarem seduzir tão facilmente, tendo a percepção de que os problemas não foram resolvidos com o novo governo, nem tampouco o serão com o fim dos conflitos com os rebeldes. Podem não ter respostas exatas sobre o que é a Ucrânia e sobre o lugar de pertencimento do país (e, talvez, nem as queiram realmente), mas, ao menos, começam a pensar a questão de um modo que não emule, pura e simplesmente, os debates acerca do nacionalismo ucraniano no começo do século passado.

BIBLIOGRAFIA

ANDRUKHOVITCH, Yuri. *Welcome to Ukrainian poetry — October 2004*. Tradução de C. Redko. Disponível em: <http://www.poetryinternationalweb.net/pi/site/cou_article/item/5516/Welcome-to-Ukrainian-poetry-October-2004/en>. Acesso em 17 maio 2015.

ANDRUKHOVITCH, Yuri. *Europe — My Neurosis: Yuri Andrukhovych's acceptance speech for this year's Leipzig Book Prize for European Understanding*. 2006. Disponível em: <<http://www.signandsight.com/features/670.html>>. Acesso em: 21 de maio de 2015.

BONDAR, Andrii. *Примітивні форми власності* (Primitivni formi vlasnosti). Lviv: LA Piramida, 2004.

BUCK-MORS, Susan. “Preface.” In *Dreamworld and Catastrophe: The Passing of Mass Utopia in East and West*. Cambridge: MIT, 2000, pp. ix-xvi.

CHEVTCHENKO, Taras. *Гайдамаки: поетичні твори, драма, повісті* (Haidamaki: poetichni tvori, drama povisti). Kharkiv: Folio, 2010.

CHUVALOVA, Irina. *Spotting the White Elephant: Ukraine on the Literary Map of the World*. Disponível em: <<https://pionline.wordpress.com/2014/04/12/spotting-the-white-elephant-ukraine-on-the-literary-map-of-the-world/>>. Acesso 02 maio 2015.

HOFLAND, Christi Anne. *The Search for Identity: Understanding Post-Soviet Ukraine through the Writing of Yuri Andrukhovych*. In The 19th Annual Russian, East European and Central Asian Studies Northwest Conference, 27 abr. 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/xwoQU>>. Acesso em 02 jun. 2015.

JUDAH, Tim. *Ukraine: Two Poets in the War*. Disponível em: <<http://www.nybooks.com/blogs/nyrblog/2015/apr/06/ukraine-two-poets/>>. Acesso em 8 abr. 2015.

KINSTLER, Linda. "Ukrainians don't trust the government they fought for". Disponível em: <<http://qz.com/350059/ukrainians-dont-trust-the-government-they-fought-for/>>. Acesso em 16 out. 2015.

KRAVTSOVA, Yekaterina. "Observers Say Russia Had Crimea Plan for Years". Disponível em: <<http://www.themoscowtimes.com/news/article/observers-say-russia-had-crimea-plan-for-years/496936.html>>. Acesso em 21 abr. 2014.

LINDEKUGEL, Jutta. "Born in 1974 and 1984, Torn in 2004 and 2014: Serhiy Zhadan, Lyubko Deresh, the Orange Revolution, and Euromaidan". *World Literature Today*. Norman, Oklahoma, EUA. Volume 88, n. 6, nov. 2014. Disponível em: <<http://www.worldliteraturetoday.org/2014/november/born-1974-and-1984-torn-2004-and-2014-serhiy-zhadan-lyubko-deresh-orange-revolution#.VWTUTOCmUt8>>. Acesso em 20 abr. 2015.

MCGRANE, Sally. "A Craftsman of Russian Verse Helps Ukraine Find Its New Voice". Disponível em: <http://www.nytimes.com/2015/04/11/world/europe/a-russian-poet-helps-ukraine-navigate-its-new-identity.html?_r=0>. Acesso 21 abr. 2015.

POMERANTSEV, Peter. *Ukraine's Mesopotamia*. 2014. Disponível em: <<http://tinyurl.com/ogzpdv6>>. Acesso em: 19 maio 2015.

TCHUBINSKI, Pavlo. *Ще не вмерла Україна (She ne vmerla Ukraina)*. 1862. Disponível em: <<http://tinyurl.com/hosmuxc>>. Acesso em 22 de maio de 2015.

VASMER, Max. *Україна*. In VASMER, Max. *Russisches Etymologisches Wörterbuch*, volume 3. Heidelberg: Carl Vinter - Universitäts Verlag, 1958, p. 171.

ZHADAN, Serhii. *Господь симпатизує аутсайдерам. 10 книг віршів (Gospod' simpatizuye autsajderam. 10 knih virshiv)*. Kiev: Knizhkovii klub, 2015.

Submetido em: 18/08/2015

Aceito em: 05/10/2015